

RELAÇÃO MUSEU-ESCOLA: DESAFIOS E POSSIBILIDADES

Manuelina Maria Duarte Cândido¹

Introdução

Para pensar sobre desafios e possibilidades na relação museu-escola, gostaria de iniciar falando de uma maneira mais ampla sobre desafios da educação em museus no sentido de: superar a destinação única para o público escolar (diversidade de públicos), pensar hoje inclusive em público externo e interno, e em não-público; ultrapassar a complementaridade dos conteúdos escolares (Almeida, 1997).

Refletindo sobre a superação da destinação única para o público escolar, acho importante aproximar as orientações da UNESCO sobre os quatro pilares da educação, que nos estimulam a ampliar o campo de possibilidades da educação em torno de conteúdos disciplinares para outras facetas, muito próprias do que chamamos de educação permanente, e portanto, não são dirigidas somente a pessoas em idade escolar.

Os quatro pilares da educação segundo a UNESCO são: **aprender a conhecer** (adquirir ferramentais de compreensão), **aprender a fazer** (para poder agir sobre o meio envolvente), **aprender a viver juntos** (cooperação com os outros em todas as atividades humanas), e **aprender a ser** (conceito principal que integra todos os anteriores) (UNESCO, 1996).

Pensar sobre educação em museus hoje vai muito além da relação com o público escolar. Também é muito diversificado, e cada vez mais o público demanda ações mais ‘customizadas’, pensadas de acordo com seu perfil e necessidades, não sendo mais possível o museu trabalhar com uma ‘visita-guiada’ padronizada para todos

¹ Professora Adjunta do Bacharelado em Museologia da Universidade Federal de Goiás e do Programa de Pós-Graduação em Artes, Patrimônio e Museologia da Universidade Federal do Piauí. Licenciada em História (UECE, 1997), especialista em Museologia e mestre em Arqueologia (USP, 2000 e 2004), doutora em Museologia (ULHT, 2012). Realizou em 2014/15 estágio pós-doutoral em Museologia na Universidade Paris III – Sorbonne Nouvelle. Foi Coordenadora do Núcleo de Ação Educativa do Centro Cultural São Paulo, Diretora do Museu da Imagem e do Som do Ceará e Diretora do Departamento de Processos Museais do Ibram. Representa o Conselho Internacional de Museus na Comissão Nacional de Incentivo à Cultura, MINC.

os seus públicos. Podemos mencionar como diferentes categorias de público, as seguintes:

- ☞ escolares: educação infantil à universidade;
- ☞ professores e educadores em todos os níveis;
- ☞ grupos familiares;
- ☞ jovens e crianças em organizações “de tempo livre”;
- ☞ adultos (público espontâneo individual ou em grupos pequenos, turistas, grupos de empresas e de associações, etc.);
- ☞ público da 3ª idade;
- ☞ bebês;
- ☞ pessoas com necessidades especiais como deficiências físicas ou mentais ou transtornos psíquicos;
- ☞ pessoas em situação de vulnerabilidade social, dependentes químicos, etc;
- ☞ pessoas com doenças crônicas;
- ☞ imigrantes;
- ☞ pesquisadores;
- ☞ público VIP / patrocinadores.

Além destes e outros públicos externos, há ainda o público interno do museu, que tem sido alcançado também por meio de programas como os denominados de consciência funcional (FIGURELLI, 2012).

Outro desafio apontado por Almeida (1997) é ultrapassar a complementaridade dos conteúdos escolares. Neste caso, um importante elemento a destacar nas transformações do campo da educação em museus é a passagem da instrução, que predominou historicamente em suas ações, à mediação. Assim, ouvir, considerar e articular as respostas do público é entendido como parte do trabalho educativo, muito mais do que falar, mostrar, demonstrar ou orientar o olhar no sentido de “ver para aprender” (ALENCAR, 2015). Essa autora observa ainda que, embora existam professores muito comprometidos com o processo educativo conjunto entre escola e museu, ainda é muito comum existirem professores que não visitam a instituição antes da ida com seus alunos e que não prepararam a turma para o momento da visita, dificultando ao museu ter no professor um parceiro da proposta educativa. Do ponto de vista do museu, esta seria uma das principais demandas para aperfeiçoamento da relação museu-escola. Do ponto de vista dos professores, acredito que seja importante aproveitar esta oportunidade para uma escuta.

Possibilidades e convite ao enredamento

A atuação em redes e a busca de um trabalho colaborativo são características do nosso tempo e que particularmente encontram muita ressonância em nosso país. Atuar em rede é vantajoso de diversas maneiras, dentre as quais:

- diminuição da desigualdade entre componentes;
- reforço das identidades;
- potencialização de recursos;
- estímulo das demandas;
- vantagens econômicas.

Por isto, entre as muitas possibilidades de qualificação da relação museu-escola, gostaria de destacar a atuação das redes de educadores em museus e convidar os professores a estarem mais presentes e ativos nestas redes, aproveitando seu potencial.

A partir da minha vivência especialmente na Rede de Educadores em Museus de Goiás (REM-Goiás), em cuja criação, em 2010, estive envolvida, e continuo implicada até hoje, buscarei apresentar as colheitas e os novos desafios. Quando a REM-Goiás foi criada, divulgamos amplamente o entendimento de que educadores em museus não seriam somente os trabalhadores dos serviços educativos dos museus, mas outros trabalhadores do campo museal e educadores ligados ao ensino formal ou a outros modelos de educação, enfim, todos que compreendam o museu como um espaço educativo e queiram se juntar para pensar, experimentar e provocar os museus com propostas educativas.

As redes são formadas por alguns elementos básicos: os **pontos** ou **nós**, que são normalmente elementos da mesma natureza (instituições ou pessoas, por exemplo); as **relações** entre estes pontos, que podem ser representadas por linhas unindo os nós; a própria **arquitetura** que a rede configura, e os **fluxos** dentro da mesma. Independentemente do tipo de pontos ou unidades (nós), os padrões de organização das redes costumam resultar em arquiteturas que se caracterizam por áreas mais densas e por pontos mais “marginais” nas redes, que possuem menos aderência ou menos conexões (MARTINHO, 2016).

Nas Redes de Educadores em Museus, os pontos são indivíduos que trabalham em museus ou com educação, ou ainda outras pessoas que possuem afinidades com o tema da educação em museus.

Monaco e Marandino abordam a prática da educação em museus sob a luz do conceito de comunidades de práticas, de Etienne Wenger, associadas a “relações entre indivíduos que partilham um interesse comum e se esforçam para apontar soluções criativas a problemas que enfrentam juntos” (MONACO e MARANDINO, 2014, p. 71). As autoras afirmam ainda que estas práticas se ancoram na ideia de *aprendizagem como um fenômeno social* e portanto coletivo, envolvendo negociação e renegociação, nem sempre chegando a consensos, e a partir de uma noção de participação não como engajamento em determinadas atividades, mas como processo contínuo: “Ao participar de uma prática, o indivíduo se engaja nela e passa a vivenciar os significados relacionados a ela, ao mesmo tempo em que os renegocia a cada vez sob a influência mútua do mundo e do contexto” (idem, p. 72). As comunidades de práticas envolvem aprender de forma coletiva e praticar o que foi aprendido.

A estruturação das Redes de Educadores em Museus, como informais que são, demonstra haver características próprias de um contexto a outro, seja em relação ao perfil da maioria dos participantes, do tipo de articulação (presencial, semipresencial), mais local ou mais abrangente, incluindo também a regularidade da atuação ou a capacidade de permanência da rede ao longo do tempo. Quase todas possuem *sites* ou *blogs*, além de perfis no Facebook.

Em sua origem, estas redes foram estimuladas pela Política Nacional de Museus, que se fundamentou nos eixos programáticos apresentados a seguir:

- 1) Gestão e configuração do campo museológico;
- 2) Democratização e acesso aos bens culturais;
- 3) Formação e capacitação de recursos humanos;
- 4) Informatização de museus;
- 5) Modernização de infraestruturas museológicas;
- 6) Financiamento e fomento para museus;
- 7) Aquisição e gerenciamento de acervos museológicos (BRASIL, 2009).

Consideramos que as REMs atuam na intersecção dos eixos 2 e 3, ao possibilitarem aos profissionais do campo alternativas de formação permanente, capacitação, atualização e consciência funcional², além de exercerem forte papel na democratização e acesso aos bens culturais.

² Consciência funcional é um programa criado pela Pinacoteca do Estado de São Paulo que tem inspirado iniciativas semelhantes em outros museus e estudos acadêmicos (por exemplo, FIGURELLI, 2012). “Voltado à formação continuada e à integração dos funcionários da Pinacoteca, este programa é voltado

Constituindo espaços para compartilhamento de experiências e boas práticas, as redes podem contribuir para a superação de algumas das principais barreiras que impedem grande parte da população de se tornarem públicos de museus: 70% da população brasileira nunca visitou museus e centros culturais (Cristina, 2010). Segundo Bourdieu e Darbel (2003, p. 69), a falta da prática cultural “é acompanhada pela ausência do sentimento dessa privação”, ou seja, é imprescindível desenvolver ações de maior impacto na formação de público, e, para tal, dar atenção àqueles que atuam no papel de multiplicadores, é fundamental.

Para a constituição de uma rede em geral os primeiros passos são o mapeamento dos atores com interesses comuns e o desenvolvimento de alguma estratégia de conexão, que pode ser presencial mas, cada vez mais, com o auxílio das novas tecnologias e redes sociais, tem sido à distância.

No caso das Redes de Educadores em Museus no Brasil, a articulação se iniciou por uma rede sediada no Rio de Janeiro, que atuou de certa forma como uma REM-Nacional e passou a estimular a criação de outras redes por volta de 2007 (DUARTE CÂNDIDO 2015, 2016). Entretanto, após a criação de redes estaduais, a articulação nacional não foi efetivada, e as redes seguiram seus percursos paralelos com poucos momentos e canais de articulação entre elas, ainda mais consideradas as distâncias físicas e as dificuldades dos componentes, como voluntários que são, de se autofinanciarem para comparecer a momentos-chave como os Fóruns Nacionais de Museus.

Em 2013, o Instituto Brasileiro de Museus (Ibram) puxou uma discussão sobre o Programa Nacional de Educação Museal (PNEM)³, que seguiu de maneiras diferentes em cada Rede, com maior ou menor engajamento, e arrefeceu um pouco até ser retomada na preparação de um encontro de redes realizado no 7º Fórum Nacional de Museus e Porto Alegre, em junho de 2017.

De minha experiência como integrante de várias das Redes de Educadores em Museus, notadamente como fundadora da REM-CE (desde 2008) e da REM-Goiás

prioritariamente aos profissionais do atendimento ao público (atendentes e recepcionistas), à equipe de manutenção e aos prestadores de serviço (equipes de segurança e limpeza). Organizado em vários módulos e atividades, o programa começa por apresentar as atividades técnicas do museu e avança para discutir questões relacionadas à recepção de público, ao patrimônio e à função social do museu. Além disso, organiza visitas educativas às exposições temporárias da Pinacoteca para os funcionários, produz materiais informativos sobre elas e promove formações técnicas e experimentações plásticas.” (PINACOTECA, s. d.)

³ Disponível online em <http://pnem.museus.gov.br>.

(2010), quero destacar aqui como estes espaços de encontro e oportunidades de ligar, juntar, urdir, tecer, foram contribuindo para meu crescimento pessoal e profissional, e para repensar aspectos dos museus de Goiás, onde me encontro, e cuja rede acompanho há mais tempo.

Tecendo as redes

Mais do que serem constituídas por pontos e nós, nas redes são importantes as relações entre eles. O proveito de cada membro da rede depende de como ele busca aprofundar e avivar estas relações.

As Redes de Educadores em Museus brasileiras não exigem exclusividade do integrante, que pode estar ligado a várias delas, independente do seu local de moradia e de atuação profissional. Falando de duas redes diferentes, espero poder abordar estratégias diversas de configuração e de atuação, bem como de desafios.

A REM-CE foi das primeiras a surgir, em 2008. Na ocasião, o Instituto Cultural Itaú dentro do Projeto Rumos, estava mapeando ações educativas Brasil afora, e em meio à divulgação desta ação, havia o estímulo à criação de redes de educadores em museus, à qual logo aderiu um pequeno grupo reunido em Fortaleza.

Esta rede se define como

“presencial e virtual, de trocas de experiências e de informações, objetivando o fomento da reflexão sobre educação em museus e outros espaços culturais e da formação e atuação política dos seus profissionais. Pretende reunir professores de ensino regular e outros educadores que queiram descobrir os museus, centros culturais, teatros, salas de ciência e outros equipamentos culturais como espaço de realização da educação em que acreditam.” (BLOG REM-CE)

A REM-CE procurou inicialmente definir sua estrutura e o funcionamento das reuniões (em que se alternam reuniões de trabalho e reuniões de estudo), suas linhas de atuação, as coordenações e o processo eletivo da primeira Comissão de Coordenação. As reuniões eram quinzenais, em local e horário fixo, no curso de Arquitetura e Urbanismo – UFC. Além disso, organizou-se um blog e um grupo de discussão *online*. Uma peculiaridade desta rede naquele momento foi que os candidatos a cada uma das três coordenações (Coordenação de Secretaria, Coordenação de Estudos e de Formação e Coordenação de Ação Política) elaboraram propostas individuais de trabalho, submetidas aos demais membros no processo eleitoral.

O primeiro seminário ocorreu em maio de 2009 e resultou na publicação do caderno de resumos em parceria com o Museu do Ceará, dentro da série “Cadernos

Paulo Freire”. O II Seminário ocorreu em maio de 2010, com o tema “Museus e Pesquisa: Memória e Contextos Contemporâneos”. No mesmo ano, passou-se a realizar um projeto de Visitas Técnicas em Ações Educativas dos Museus da cidade, com o objetivo de reunir informações a respeito das ações educativas dos museus e mapear as instituições que desenvolvem a atividade, além de conhecer suas metodologias e especificidades. Para tal, foi criada uma ficha de dados, a ser preenchida nas visitas realizadas. Atas das reuniões foram divulgadas no *blog*, de maneira que é simples compreender a dinâmica desta rede, especialmente nos primeiros anos.

Em 2011, ocorreu o lançamento dos anais do II Seminário e organizou-se em maio, na Semana dos Museus, um Encontro de Educadores. De 30 de novembro a 02 de dezembro de 2011, ocorreu o III Seminário, com o tema Museus e Comunidades, constando na programação mesas-redondas, minicurso, oficina, comunicações e visita ao Museu do Mangue. Em maio de 2012, a REM-CE ofereceu um minicurso sobre museus e acessibilidade, e desde então não conseguiu mais realizar seminário, quebrando a sequência.

O *blog* continuou ativo, assim como a lista de discussão, divulgando eventos, exposições, cursos e atividades realizados por museus e instituições culturais no Ceará ou em outros estados. Uma das principais razões da descontinuidade da rede, naquele momento foi a migração de diversos integrantes que iniciaram sua atuação na REM-CE como estudantes de graduação e deram continuidade a seus estudos fora do estado do Ceará. Neste caso, um fomento à renovação dos quadros seria essencial.

Embora as tentativas de articulação no formato antigo não tenham funcionado, já registramos que no II Seminário Brasileiro de Museologia (Sebramus)⁴ realizado em Recife em 2015, o GT dedicado à Educação em Museus foi proposto e coordenado por fundadoras REM-CE, mostrando que a Rede teve profícuos desdobramentos. Mais recentemente, a Rede conseguiu apresentar-se com pelo menos três integrantes na reunião de Redes que ocorreu no Fórum Nacional de Museus de Porto Alegre, e a força deste grupo, bem como participação de outros atores do Ceará naquele evento, garantiu a escolha de Fortaleza como sede do próximo Fórum em 2019.

A REM-Goiás foi criada por professores e alunos logo no início do primeiro ano letivo do curso de Museologia da UFG, em 2010, e articulada inicialmente em meio digital, apresentando-se como:

“um coletivo de profissionais das áreas de educação (formal ou não-formal),

⁴ Promovido pela Rede de Professores e Pesquisadores do Campo da Museologia.

criada no ano de 2010 com objetivos de se aproximar de diferentes instituições culturais e museus, mapear ações educativas em andamento e estimular a criação de espaços pedagógicos nas instituições onde estes setores ainda não foram implantados, promover a articulação com os cursos de formação (graduações e pós-graduações), entre outros.” (REM-Goiás, 2011)

O I Seminário ocorreu em junho de 2010, com palestras, oficina, visita à exposição, discussão e votação do estatuto da Rede. Nesse documento, ficaram definidas as coordenações, suas atribuições, e que a Rede teria além do seminário mais cinco encontros presenciais por gestão. A partir do II Seminário, eles passaram a ser temáticos⁵ e realizados normalmente no mês de março. A REM-Goiás tem uma grande regularidade na realização dos seminários, que ocorreram todos os anos até o presente. Essa regularidade é um fator importante para a avaliação do evento junto a órgãos de fomento⁶ e constitui uma fortaleza para o curso de Museologia da UFG, que tem no Seminário da REM-Goiás seu evento de maior sequência, oito edições.

O diferencial desta rede em relação às demais é a relação com o curso de Museologia da Universidade Federal de Goiás, por meio do qual está cadastrada como um projeto de extensão desde 2010. Por esta razão, há sempre um professor do curso acompanhando as atividades, mesmo que não esteja formalmente na coordenação da Rede, e o curso se compromete tanto com a presença de alunos na maior parte dos eventos como com outros apoios: eventualmente a elaboração de trabalhos de identidade visual, ou mesmo passagens para palestrantes, que já foram obtidos junto à Faculdade de Ciências Sociais e, mais comumente, com o Museu Antropológico da UFG⁷. Ademais, os cadastros dos encontros e seminários como eventos de extensão puderam, em algumas situações, garantir da impressão de material como cartazes, *folders*, fichas de inscrição e cartilhas.

Em mais de uma ocasião, o projeto de extensão foi beneficiado com bolsas de extensão denominadas PROVEC (voluntárias) e PROBEC (remuneradas), constituindo um importante apoio com o trabalho dos alunos do curso de Museologia na

⁵ II Seminário “Educação, Museus e Ciências” de 15 a 17 de março de 2011; III Seminário “Museus e Memória Escolar” de 13 a 17 de março de 2012; IV Seminário “Educação, Museus e Cidades” de 02 a 05 de abril de 2013; V Seminário “Museu, Sociedade e Meio Ambiente”, de 18 a 21 de março de 2014; VI Seminário “Museus, Inclusão e Sustentabilidade: desafios para o século XXI”, de 20 a 22 de maio de 2015, VII Seminário, “AMA – Arte, Museus e Acessibilidade”, de 12 a 15 de abril de 2016 e VIII Seminário “Dizer o indizível sobre mulheres negras nos museus”, dia 23 de maio de 2017.

⁶ O evento já teve apoio da CAPES em mais de uma edição, e também da FAPEG, Fundação de Amparo à Pesquisa de Goiás.

⁷ O Museu Antropológico da UFG é ainda um importante apoio logístico para a Rede, que sempre tem nele um espaço para guarda de seus materiais e arquivos, o que permite alguma passagem de memória documental entre uma gestão. Atualmente o Museu chegou mesmo a ceder um sala com computador e mobiliário suficiente para servir como uma base do trabalho da coordenação da Rede.

manutenção das atividades de rotina da rede, como atualização dos cadastros e organização dos eventos (DUARTE CÂNDIDO, 2016).

Mesmo com esta intensa relação com o curso de Museologia da UFG, há grande rotatividade nas coordenações e raras vezes se repetiram nomes entre uma gestão e outra. A diversidade de perfis das coordenações enriquece a Rede ainda que a troca anual seja um enorme desafio tanto de passagem das informações e da gestão, como de organização da memória e mesmo de garantia de candidatos para cada nova eleição.

Esta rede conseguiu publicar um livro e alguns anais de seminários, dos quais participaram convidados nacionais e estrangeiros, e participantes de todo o país. Em relação aos ganhos provenientes de sua existência no campo da educação em museus no estado de Goiás, é preciso dizer que inicialmente e até registrado no estatuto da Rede, seus integrantes pretendiam, com ela, estimular a criação de serviços educativos em museus que não os possuíssem, além de realizar algumas atividades para conhecer a atuação dos existentes, em visitas técnicas.

A experiência mostrou que estes serviços educativos praticamente não existiam, o que exigiu inclusive modificar a dinâmica prevista de alternância entre as atividades de encontros de estudos e as visitas técnicas a museus para conhecer os educativos, pois não havia suficientes. É possível dizer que praticamente o que existia quando a REM-Goiás foi criada era, em poucos museus, um trabalho de “visita guiada”, bem distante das pretendidas boas práticas que a REM-Goiás ajudaria a compartilhar por meio das visitas técnicas. Basicamente, os encontros passaram a ser palestras aproveitando a vinda a Goiânia de profissionais de outros estados, e só eventualmente as atividades foram leitura e discussão de textos, ou atividade educativa em museus, como discussão sobre as práticas. Os encontros também foram realizados quase sempre em Goiânia, salvo raras exceções de idas a Goiás e Jataí, quando acaba sendo uma ida de poucos integrantes da coordenação e diálogo com pessoas da cidade anfitriã, sem conseguir envolver uma participação mais efetiva de integrantes da capital nestes eventos itinerantes. Após alguns anos o estatuto foi alterado para diminuir o número de encontros anuais de 5 para 3, mantendo ainda o Seminário.

É difícil mensurar o impacto da existência da REM-Goiás na estruturação ou qualificação de serviços educativos nos museus, mas o Museu de Arte Contemporânea de Goiás, um dos museus que hoje já procura fazer uma ação educativa mais diferenciada, baseada na mediação e em práticas mais contemporâneas, possui em suas equipes fixa e flutuante diversos integrantes dos mais ativos na REM-Goiás. Além

disso, no curso de Museologia da UFG, alguns dos trabalhos de conclusão de curso envolvem reflexões sobre ação educativa em museus, inclusive com alguns deles desenvolvendo uma faceta de aplicação, além da reflexão acadêmica.

Considerações finais

Wenger (1998 apud MONACO e MARANDINO, 2014, 73-74) destaca três dimensões que diferenciam as comunidades de práticas da realização episódica de atividades. São elas:

Engajamento mútuo: a partir de interesses em comum e construção de espaços de interação, físicos ou virtuais, realizando tarefas conjuntas.

Empreendimento conjunto: compartilhamento de experiências que contribui para a emergência da coerência do grupo. Estas práticas, por não serem obrigatórias, dão um sentido de apropriação e de responsabilidade aos membros do grupo, mas também suscitam questões (disputas) de poder.

Repertório partilhado: conjunto de recursos físicos e simbólicos elaborados pela comunidade de forma partilhada e que contribuem para a coerência do grupo.

As redes de educadores em museus, por incluírem estes fatores, podem ser consideradas comunidades de práticas, envolvendo todas as facetas, tanto de colaboração como de possíveis conflitos. Como tudo que envolve museus e patrimônio, enredar-se não é algo linear, está imerso em um campo relacional, campo de conflito, em que se percebe a presença da “gota de sangue” (CHAGAS, 1999).

Segundo Wenger, existem diferentes níveis de participação em uma Comunidade de Práticas e um erro comum é tentar encorajar todos os membros a participarem de uma forma igual. Na prática, esta expectativa pode ser um dos fatores que suscitam conflitos. O autor reconhece que é comum ter até 75% dos integrantes de uma comunidade de práticas como periféricos, com participação ativa muito rarefeita, ao contrário dos demais, enquadrados como grupo principal e grupo ativo.

Os conflitos aparecem, na REM-Goiás, em diversos momentos, desde a hora de montar a chapa para renovar a coordenação, que sempre é chapa única não por consenso, mas pela dificuldade em ter interessados em número suficiente, e ao longo de toda a gestão de um ano, quando não raro coordenadores pedem afastamento, sobrecarregando os que ficam, às vezes restando uma ou duas pessoas para garantir a realização dos encontros e seminário. Um conflito latente e ainda não discutido é que,

por vezes, as pessoas dispostas a comporem a coordenação não são diretamente ligadas ou prioritariamente interessadas à educação em museus, mas muitas vezes a outros aspectos do fazer museal ou do conhecimento museológico. Já se percebe como isto se reflete nos temas dos seminários, que giram em torno de outros aspectos da relação da sociedade com museus e patrimônio, mas não tão diretamente da educação em museus.

As REMs têm representado no Brasil uma destacada iniciativa dos profissionais do campo da educação em museus de se associarem para a reflexão conjunta, a troca de experiência e a construção de saberes específicos. Na ausência de formação específica para educadores de museus, estas redes têm constituído importante espaço de auto formação, ampliação de repertórios e atualização profissional. Igualmente têm se constituído espaços de fortalecimento dos profissionais, de educação em museus, geralmente secundarizados nas equipes das instituições, de reconhecimento e difusão das boas práticas, de busca da qualidade em seu fazer profissional. Para as redes mais novas, trouxe este questionamento de como a existência de uma Rede de Educadores em Museus intervém positivamente no campo da educação em museus, levando realmente a ganhos qualitativos, e como superar, em longo prazo, que sua existência seja reduzida a somente uma lista de e-mails e um evento anual.

Agradecimentos

Agradeço às(aos) integrantes da Coordenação atual da REM-Goiás, pois seu aceite em compor o grupo que leva adiante nossa rede, assim como o de todas as pessoas que antecederam a atual gestão, é que permite que ela continue existindo.

Composição da Coordenação da REM-Goiás, gestão 2017-2018

Barbara Yanara da Silva - Coordenadora Geral

Emilly Rocha Miguel - Secretária Geral

Juliana Barbosa Pereira - Articulação

Luís Felipe Pinheiro - Coordenador de divulgação

Rejane de Lima Cordeiro - Substituta

Referências bibliográficas:

ALENCAR, Valéria Peixoto. **Mediação cultural em museus e exposições de História: conversas sobre imagens/histórias e suas interpretações**. São Paulo: Universidade Estadual Paulista, 2015. (Tese de Doutorado em Artes).

ALMEIDA, Adriana Mortara. “Desafios da relação museu-escola” in: **Comunicação & Educação**, São Paulo, 10, set. / dez. 1997. P. 50-60. Disponível online em <http://www.revistas.usp.br/comueduc/article/viewFile/36322/39042>. Acesso em 10 de agosto de 2017.

BARNES, J. A. *Redes sociais e processo político*. In: FELDMAN-BIANCO, B. (Org.). *Antropologia das sociedades contemporâneas*. São Paulo: Global, 2010. p. 171-204.
BOURDIEU, Pierre; DARBEL, Alain. **O amor pela arte**: os museus de arte na Europa e seu público. São Paulo: EDUSP, Zouk, 2003.

CAMACHO, Clara Frayão. “O modelo da Rede Portuguesa de Museus e algumas questões em torno das redes de museus” In: **Actas do I Encontro de Museus do Douro**. Vila Real (Portugal): s. ed., 2007. Disponível online em http://www.museudodouro.pt/exposicao_virtual/pdf/clara_camacho.pdf, acesso em 08 de outubro de 2014.

CARVALHO, Ana Cristina Barreto de. **Gestão do patrimônio museológico**: as redes de museus. São Paulo: USP – Escola de Comunicações e Artes, 2008. (Tese de Doutorado)

CHAGAS, Mario. **Há uma gota de sangue em cada museu: a ótica museológica de Mário de Andrade**. Lisboa: Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, 1999. (Cadernos de Sociomuseologia, 13)

CRISTINA, Lana. “Pesquisa do IPEA faz diagnóstico dos obstáculos para acesso à cultura no Brasil”. In: **Jornal Intercom**, Ano 6, no. 172 - 22 de novembro de 2010. Disponível online em http://portalintercom.org.br/index.php?option=com_content&view=article&id=1143:de-staques-pesquisa-do-ipea-faz-diagnostico-dos-obstaculos-para-acesso-a-cultura-no-brasil&catid=175&Itemid=105 acesso em 07 de outubro de 2014.

DUARTE CÂNDIDO, Manuelina Maria. “As redes de educadores em museus (REMs) no Brasil”, in: SÁ, Aluane de; MORAES WICHES, Camila Azevedo de (orgs.) **Arte, museus e acessibilidade**: reflexões da Rede de Educadores em Museus de Goiás. Goiânia: s. ed., 2016. p. 63-74. ISBN 978-85-8264-132-3.

DUARTE CÂNDIDO, Manuelina Maria. “As redes de educadores em museus (REMs) no Brasil”, in: SÁ, Aluane de; MORAES WICHES, Camila Azevedo de (orgs.). **Arte, museus e acessibilidade**: reflexões da Rede de Educadores em Museus de Goiás. Goiânia: s. ed., 2016. p. 63-74.

DUARTE CÂNDIDO, Manuelina Maria. “Vou me jogar nesta rede! As redes de educadores em museus do Brasil”, in: AMARAL, Lilian (org.) **Cartografias Artísticas e Territórios Poéticos**. São Paulo: Fundação Memorial da América Latina, 2015. p. 197-213.

DUARTE CÂNDIDO, Manuelina Maria. **Sistemas e redes de museus**: políticas para a gestão de acervos. In: CADERNOS Tramas da Memória, 2011. Memorial da Assembleia Legislativa do Ceará Deputado Pontes Neto; Instituto de Pesquisas sobre o

Desenvolvimento do Estado do Ceará, n. 1 (maio 2011). Fortaleza: INESP, 2011. p. 103-113.

FIGURELLI, Gabriela Ramos. **O público esquecido pelo Serviço Educativo**: estudo de caso sobre um programa educativo direcionado aos funcionários de museu. Lisboa: ULHT, 2012. (Cadernos de Sociomuseologia, 44)

MARTINHO, Cássio. **Redes - uma introdução às dinâmicas da conectividade e da auto-organização**. Conferência no 8º Encontro Paulista de Museus, 13 de junho de 2016. Disponível online em http://www.forumpermanente.org/event_pres/encontros/encontros-paulista-de-museus/8epm.

MIZUKAMI, Luiz Fernando. **Redes e sistemas de museus**: um estudo a partir do Sistema Estadual de Museus de São Paulo. São Paulo: Pós-Graduação Interunidades em Museologia da Universidade de São Paulo, 2014. (Dissertação de mestrado)

MONACO, Luciana M.; MARANDINO, Martha. “A compreensão da prática educativa de um museu na perspectiva das comunidades de prática”. In: **Museologia & Interdisciplinaridade**, Vol. III, n. 6, 2014.

NASCIMENTO Júnior, José do; CHAGAS, Mário de Souza (orgs.). **Política Nacional de Museus**. Brasília: Ministério da Cultura, 2007. Disponível online in: http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2010/01/politica_nacional_museus.pdf. Acesso em 30/09/2014.

PINACOTECA do Estado. **Programas desenvolvidos**: Consciência Funcional. Disponível online em <http://www.pinacoteca.org.br/pinacoteca-pt/default.aspx?mn=590&c=1051&s=0&friendly=consciencia-funcional> acesso em 09 de outubro de 2014.

RAMOS, Frederico Roman. “Cartografias Sociais como Instrumentos de Gestão Social: a tecnologia a serviço da inclusão social”. In: **Revista de Administração Pública**, vol. 39, n. 3, maio-jun 2005. p. 655-669. Escola Brasileira de Administração Pública e de Empresas. Disponível online em <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=241021498008> acesso em 10 de outubro de 2014.

RANGEL, aparecida; HARDUIM, Barbara e SEIBEL, Maria Iloni. “A Rede de Educadores em Museus do Estado do Rio de Janeiro: uma contribuição ao campo da educação não-formal”. In: MAST. **Anais do Encontro Internacional de Educação Não-Formal e Formação de Professores**. Rio de Janeiro: Museu de Astronomia e Ciências Afins, 2012. (resumo estendido). Disponível online em http://www.mast.br/multimidia/encontro_internacional_de_educacao_nao_formal_e_formacao_de_professores/pdfs-comunic/ResumoEstendido_Aparecida_Rangel.pdf

SECRETARIA de Articulação Institucional, Coordenadoria Geral de Relações Federativas e Sociedade. Grupo de Trabalho 1 - Arquitetura e Marco Legal do Sistema Nacional de Cultura. **Proposta de Estruturação, Institucionalização e Implementação do Sistema Nacional de Cultura**. Brasília, MINC: 2009. Disponível online in:

http://blogs.cultura.gov.br/snc/files/2009/07/SNC_DOCUMENTO_APROVADO_CNP_C_27AGO2009.pdf. Acesso em 01/12/2009.

UNESCO. **Educação um tesouro a descobrir** - Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI. São Paulo: Cortez, Unesco, MEC, 1996.

Referência para citação:

- DUARTE CÂNDIDO, Manuelina Maria. “Relação museu-escola: desafios e possibilidades” in: **Aurora 463** - Revista da Semana do Patrimônio Cultural de Pernambuco, v. 1., n. 3, 2018. p. 146 - 159. Disponível online em <http://www.cultura.pe.gov.br/pagina/patrimonio-cultural/aurora-463/> **ISSN 25254006**